

O LUGAR DA LINGUAGEM ESCRITA NA AFASIOLOGIA: IMPLICAÇÕES E PERSPECTIVAS PARA A NEUROLINGÜÍSTICA ¹

Ana Paula de Oliveira SANTANA

RESUMO *Ao percorrer a história do estudo da linguagem escrita na Afasiologia verifiquei que a escrita e a leitura de sujeitos afásicos eram, e ainda são, tratadas a partir de uma ótica cognitivista e/ou estritamente gramatical. A relação de interdependência entre a oralidade e a escrita tem sido praticamente desconsiderada pela literatura neurolingüística tradicional. No entanto, quando se estabelecem relações (lingüísticas, discursivas, culturais e cognitivas) entre oralidade e escrita, essas duas modalidades da linguagem apresentam mais semelhanças que diferenças entre si. Considerar um continuum entre ambas, a partir de semelhanças e diferenças formais e discursivas, implica mudanças significativas no modo de entender o fenômeno afásico. As práticas de escrita e leitura realizadas pelo sujeito afásico, quando analisadas por uma perspectiva discursiva, acabam por explicitar as (antigas e novas) relações que se estabelecem entre o sujeito, sua linguagem, seus interlocutores e suas ações sociais.*

ABSTRACT *In this work I proceed to a historical review of study of written language in Aphasiology, from a discourse-based perspective. I have observed that the writing and reading practices of aphasic subjects were, and still are, treated in a cognitivist and strictly grammatical model. I have perceived that, when linguistic, cultural, cognitive and discourse-based relations between orality and writing are established, these two modalities of language present more similarities than differences. To consider a continuum between both, from the point of view of formal and discursive-based similarities and differences, implies significant changes in the way of understanding the aphasic phenomenon. I have also observed that the practice of writing by aphasic subjects, when analyzed from the stance of the neurolinguistics of discursive, can be made to reveal old and new*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 22 de fevereiro de 1999, sob orientação da Profª. Drª. Edwiges Maria Morato.

relations that are established between the subject, his/her language, his/her interlocutors and his/her social action.

INTRODUÇÃO

Ao (re)fazer a história da linguagem escrita na Afasiologia observei que há insuficiências no estudo das relações entre oralidade e escrita. Ou seja, a linguagem escrita tem sido vista como não mais que um simulacro da fala culta, de uma forma descritiva e normativa sem que as semelhanças e diferenças entre elas fossem devidamente esclarecidas. Isso ocorre devido a alguns fatores: o posto de observação que se tem tomado até então e que conjuga uma visão funcionalista e modularista da realidade lingüístico-cognitiva, o formalismo lingüístico, a visão gramatical da escrita como representação direta da oralidade, a superposição da linguagem oral em relação à escrita - o que faz com que ambas sejam vistas como atividades completamente divergentes.

Com isso, se por um lado a linguagem escrita era vista apenas como representação da oralidade, por outro a escrita nada tinha a ver com linguagem propriamente dita e dependia apenas do trato óptico e da gestualidade. Atualmente, a Neuropsicologia Cognitiva vem tratando essas questões dentro desta mesma visão, ou seja, os modelos cognitivos trabalham com as noções de uniformidade do falante, interdependência de processos cognitivos, modularidade da mente, em suma, com uma concepção de linguagem (escrita ou oral) enquanto código, o que permite que a linguagem escrita seja vista apenas como um sistema representacional.

Ainda que a lingüística tradicional tenha reforçado as hipóteses encontradas na Afasiologia - numa perspectiva saussuriana sobre a relação entre a fala e a escrita, a única razão de ser da segunda é representar a primeira - estudos mais recentes têm apontado para uma relação que concebe mais semelhanças (lingüísticas, cognitivas e tipológicas) que diferenças (baseadas no contexto situacional) entre elas.

No campo da Neuropsicologia podemos encontrar uma relação empírica que se estabelece entre a oralidade e a escrita no cérebro humano (Luria,1970). O que temos na Lingüística atual (não-formalista), no momento, diz respeito a uma relação estreita entre a linguagem oral e a escrita (Marcuschi, 1995; Tfouni 1995). Contudo, esse enfoque tem estado praticamente à margem da literatura neurolingüística. Ainda que não se possa pensar a linguagem oral e a escrita como atividades dissociadas, os testes de afasia continuam a propor uma avaliação fragmentada de funções (meta)lingüísticas (cf. Parente 1996; Davies, 1997). Com isso, a avaliação da linguagem escrita realizada de sujeitos afásicos não é apenas completamente dissociada da linguagem oral como também é isolada dentro de sua própria configuração.

Assim sendo, aceitar uma relação de influência mútua entre a linguagem oral e a escrita no interior da Neurolingüística implica mudanças no entendimento dos problemas de linguagem nas afasias, ou seja, implica mudanças na própria idéia que se tem do fenômeno afásico e de suas implicações neuropsicológicas.

Dessa forma, levar em conta as proximidades entre os processos de oralidade e de escrita implica mudar o conceito de linguagem na Afasiologia tradicional e mudar também a avaliação e a explicação das patologias de escrita. Foge à Afasiologia considerar a linguagem escrita como uma atividade discursiva, com semelhanças formais e lingüísticas entre a oralidade e a escrita, embora a Lingüística aponte uma relação mais estreita entre as duas modalidades. Não de representação, mas de *continuum* que sem anular as diferenças, procura localizá-las num quadro de relações dinâmicas. É importante, para a Afasiologia, considerar essas questões, já que há semelhanças não só lingüísticas, mas também neuropsicológicas.

OS SUJEITOS AFÁSICOS E SUA LINGUAGEM ESCRITA

Para ilustrar esta discussão tomo os dados a seguir. Esses dados foram coletados no Centro de Convivência de Afásicos (Unicamp) em sessões de grupo e entrevistas individuais sobre a linguagem escrita dos sujeitos.

O primeiro dado é de EF, um sujeito de 68 anos, advogado. A sua produção oral restringe-se à emissão de palavras isoladas, apresentando um estilo que pode ser chamado de “telegráfico”. Freqüentemente EF recorre à escrita como um apoio para comunicar o que deseja, ou, às vezes, para dar a entender os sentidos que produz ao falar.

(1) 10/06/98

Trata-se de uma produção escrita de EF. Ele havia combinado assistir ao jogo do Brasil no CCA junto com o grupo. A investigadora pediu a ele que simulasse uma situação hipotética e escrevesse um bilhete para as outras investigadoras (de apelidos Maza e Dudu, presentes no momento) desculpando-se por não poder mais assistir ao jogo no CCA, e dizendo que assistiria com os filhos.

Aqui pode ser visto um esboço da escrita de EF :

Texto 1
DUDO E MAZA.
NA  ~~Eni~~ AO jogo ^{não}  Filhos 
Sem mais.
FRANÇA
Não ^{foi} jogo ^{com} filhos

Esse primeiro texto foi escrito juntamente com a investigadora que, para facilitar a sua elaboração, ia fazendo perguntas que auxiliassem EF a estruturar o bilhete. Ele demorou aproximadamente vinte minutos para escrevê-lo.

Texto 2

BRASÍLIA – ALEX

Sandra – Campinas

JUNIOR – S. Paula

O segundo texto foi realizado quando a investigadora perguntou a EF onde seus filhos assistiriam ao jogo. Ou seja, não se tratava mais de uma simulação. Ele demorou aproximadamente um minuto para responder e, quando o fez, se utilizou da escrita.

Esse segundo texto, escrito rapidamente, demonstrou que EF parece não ter receio em escrever ou em hesitar na escrita de alguma palavra, como ocorreu no primeiro. Pode-se pressupor, então, que há claramente uma diferença na posição ocupada pelo sujeito nas duas escritas. No primeiro texto ele é mais sujeito da escrita: hesitando, corrigindo a escrita, com dificuldades na formulação do texto. Já no segundo, ele é mais sujeito de uma oralidade que se organiza através da escrita.

O episódio mostra o quanto a relação entre a oralidade e a escrita se torna mais evidente na afasia. No entanto, a Afasiologia tem desconsiderado essa relação. O que se observa com esse dado é que a escrita não funciona apenas como representação da fala: ora a escrita é “escrita”, ora é a própria fala; ora o sujeito passa da oralidade para a escrita, ora da escrita para a oralidade. Essa relação de interdependência entre as duas modalidades mostra que não se pode considerar a linguagem de um forma dissociada. Assim, entender que as modalidades de linguagem estão relacionadas entre si faz com que se perceba que as relações entre a fala e a escrita não são sempre as mesmas. Passar da escrita para a fala implica romper essa regra tão conhecida e tão aceita de que a escrita nada mais é que uma representação da fala.

Fica assim demonstrada a necessidade de considerar a fala e a escrita numa relação de interdependência, como modalidades de linguagem. O que vai determinar essa relação são os seus usos, que se modificam e se transformam de acordo com as práticas sociais que estão envolvidas ali, naquele momento.

O dado a seguir evidencia que não só a escrita, mas também o seu gesto, adquire papel de relevância nessa relação entre as semelhanças lingüísticas e neuropsicológicas. O gesto da palavra escrita não pode ser considerado como um gesto e nada mais, descolado de um sentido, mas sim como a própria escrita que, ao ser visualmente concretizada, assume o papel de mediadora entre o sujeito e a oralidade.

(2) 10/06/98

EF comenta com os demais integrantes do CCA a viagem que fará a Petrolina. Enquanto está falando, ele vai, quase ao mesmo tempo, “escrevendo” em sua perna, na perna da investigadora e procurando uma caneta para escrever.

EF: *//usando a “escrita no ar” como prompting, fala//* Pe::to::li::na.

Imc: Petrolina? É a divisa?

EF: Ah *//afirmando//*.

lem: O Sr. EF contou uma história uma vez... Cês lembram? Ele morava numa cidade, atravessava o rio e estudava na outra. Lembra disso? *//pergunta ao grupo//*. Depois o Sr. EF explica. Parece que atravessando o rio já é outro estado, né? Bahia, Pernambuco. Não tem uma história assim?

Imc: Tinha. Que é Petrolina. Ele escreveu “Petrolina” e “Juazeiro” *//Imc lê o que EF escreve//*.

lem: Ah. Isso aí, então. E tem um rio no meio. # *//a EF//* Como é que se chama esse rio no meio? É o rio São Francisco?

//EF afirma com a cabeça//.

lem: Mas, sabe, Sr. EF, a gente não conhece ali a região. É isso mesmo?

EF: *//EF fala enquanto escreve//* Ri::o São Fan::cis::co.

Aqui pode ser visto mais um esboço da escrita de EF:

PETRO

JUZEI

RIO R

Neste episódio, EF apenas inicia a escrita ou o seu gesto e isso já é suficiente para deflagrar a oralidade. Isso nos faz retomar as considerações de Vygotsky (1931/1988) sobre a importância do gesto como signo visual para aquisição da escrita, assim como a mediação necessária da fala para essa aquisição. Com os sujeitos afásicos parece que pode ocorrer uma mediação tanto da oralidade para a escrita quanto da escrita para a fala. Essa é uma relação que, na afasia, se torna bastante “visível”: um signo escrito, ou mesmo o seu gesto, pode funcionar como mediador do signo falado.

O interessante é que, após a afasia, a relação do sujeito com a sua linguagem muda, assim como o próprio trabalho que o sujeito realiza sobre a linguagem. Isso porque o sujeito afásico lança mão de mecanismos alternativos, que muitas vezes não são utilizados por sujeitos não afásicos, como o uso do gesto da escrita - o caso que acabou de ser citado - para iniciar um “*prompting*”. O que não ocorre apenas com sujeitos de alto grau de letramento, ocorre também em sujeitos que não têm hábitos “ideais” de leitura e de escrita, como pude observar em outros dados. E isso se dá porque os sujeitos fazem parte de uma sociedade letrada e são “influenciados” por ela, quer eles queiram ou não, quer eles sejam afásicos ou não.

Vê-se, com esses dados, a relação que a oralidade e a escrita apresenta: de reciprocidade. As semelhanças não são só lingüísticas, mas também neuropsicológicas. Naturalmente, entre fala e escrita existem diferenças, como as baseadas no contexto situacional, nos modos de produção. Mas existem também semelhanças lingüísticas, cognitivas e discursivas, como se vê claramente nos

dados. A escrita é um desdobramento da praxis oral, o que significa que ela interpreta e produz sentido tanto quanto a oralidade.

Quais são, exatamente, as contribuições que a Neurolinguística, pensada discursivamente, traz da Linguística para a Afasiologia? Sem abrir mão do estudo da língua, a perspectiva discursiva possui força explicativa e argumentativa para a inserção de uma abordagem desta natureza: ao se partir de uma concepção que considera a linguagem como um “trabalho entre os interlocutores” - que é uma definição importante nas abordagens enunciativo-discursivas, presente nos trabalhos de Franchi (1977/1992), Coudry (1986/1988), Possenti (1988), Geraldí (1991,1996) e Morato (1995) – leva-se em conta aspectos que estão presentes na relação do sujeito com a sua linguagem e numa construção conjunta desse trabalho, que ocorre não só na fala mas também na escrita, já que ela é uma prática discursiva e, portanto, dialógica, interativa e com uma função social.

O dado a seguir é de SI, uma mulher nissei, de 57 anos. Seu grau de escolaridade é básico (até a quarta série do primeiro grau). Ela trabalhou na roça durante quase toda a sua vida. Seus hábitos de leitura anteriores à afasia eram reduzidos (levando-se em conta um leitor “ideal”). Após o AVC ela diz que não lê nem escreve mais nada.

(3) 10/06/98

Durante a entrevista, a investigadora pergunta à SI sobre seus hábitos de leitura

Iap: E agora, dona SI, o que que a Sra. tem costume de ler?

SI: Ah! Nada.

Iap: Nada?

SI: Depois que eu fiquei doente, né? Eu não sei mais ler.

Iap: A Sra. sabia ler antes e agora não sabe mais?

SI: Não. Esqueci tudo.

Iap: Não lê nada?

SI: Nada, nada. Esqueci tudo, tudo, tudo. Eu lembro o nome, só. SI. //*escreve o nome na mesa com o dedo enquanto fala*//.

O dado a seguir é de MS, um senhor de 65 anos de idade, funcionário aposentado do DETRAN, com escolaridade básica (até a quinta série do primeiro grau).

(4) Dados do dia 11/11/98

MS comenta sobre suas dificuldades na fala, na escrita e na leitura.

Iap: Agora, para falar? O Sr. tem dificuldade, né? Quais são as dificuldades que o Sr. acha que tem?

MS: Como bem... “Bom dia” eu sei falar. “Boa tarde” eu sei falar. É...Cumprimento eu sei falar, né? Ai o vizinho passa: “Bom dia”, “Bom dia”. “Esse cara não tem derrame, num tem derrame”. Agora... as palavras não sei mais...

Iap: (...) O Sr. Acha... O que que mudou? A escrita do Sr. reduziu? Mudou muito?

MS: Menina, eu não sei nada!

Iap: Nem para ler? Para ler é melhor que escrever? O que que o Sr. acha que é pior?

MS: Tudo, tudo, tudo. Não tá bom nada.

Iap: Só pra falar que melhorou?

MS: Eu, eu também, também não falo.

Iap: A gente tá conversando há um tempão, Sr. MS, como é que o Sr. não fala?

MS: Falo, mas não é, não é, não é, não é, uma fala, uma fala, que a gente... Todo mundo tem, faz.

Nesses episódios pode-se observar que o impacto da afasia sobre a vida dos sujeitos faz com que eles estabeleçam novas relações entre eles e a sua linguagem. No caso de SI a leitura e a escrita passam a ser importantes na sua vida devido às atividades desenvolvidas no CCA. Ela, anteriormente, nunca lia. Agora sempre leva notícias escritas para o CCA e as lê, mesmo que, para ela, isso não seja leitura. Talvez porque as mudanças provocadas pela afasia revelem um sujeito que era eficiente na fala e na escrita e que agora passa a ser um sujeito afásico, sem a eficiência anterior. Isso provoca, de certa forma, um conflito que se estabelece entre um sujeito que é leitor e que não consegue ler, um sujeito dividido (*eu escrevo mas não escrevo nada*), um sujeito que se baseia numa concepção normatizante que impede que ele reconheça suas práticas de escrita como aquilo que elas de fato são: escrita.

Os comentários de MS refletem a imagem que ele acredita que o interlocutor faça ou poderia fazer dele. Como ele mesmo diz: *quem me escuta falar Bom dia não pode imaginar que eu tenho derrame*. Ele demonstra, em seu discurso, outros discursos, outras formulações sobre a competência e sobre a imagem que ele faz dele mesmo, como uma pessoa *desabilitada*, que é incapaz de escrever, ler e falar fluentemente, apesar de conseguir dizer *Bom dia*. É como se as situações de normalidade não merecessem outro estatuto senão o de uma simulação. É como se ele, paradoxalmente, questionasse: *que sujeito sou eu que consigo falar, mas não consigo falar*. Essa polifonia revela de forma clara o pré-construído sobre a afasia, sobre a doença que impossibilita o sujeito de ter uma fala, uma escrita e uma leitura como a dos outros. Revela também o quanto esse pré-construído está presente no (inter)discurso dos sujeitos afásicos.

O conflito entre o que o sujeito era e o que ele passa a ser está, como tudo leva a crer, diretamente relacionado às concepções de linguagem (comunicação, competência discursiva, produtividade) vinculadas em nossa sociedade a determinados pré-construídos que produzem certos efeitos psico-afetivos e ideológicos em cada um. Considerar a escrita como um processo discursivo é incorporar, nas análises, as relações entre a fala e a escrita, a inserção sócio-cultural dos sujeitos, a intertextualidade, a memória discursiva e o impacto da afasia na vida de cada um. Outro aspecto importante é a representação da escrita e da leitura para cada sujeito, já que é possível notar, de sujeito a sujeito, a ocorrência de uma série de variações. Os dados seguintes demonstram bem essa questão.

(5) 06/05/98

Durante a entrevista, EF comenta suas dificuldades relacionadas com a leitura e com a escrita.

lap: (...) Mas se o Sr. diz que lê bem fazendo leitura silenciosa, por que o Sr. não lê ainda revistas?

EF: Ah... *//aponta para a garganta//*.

lap: Não! Mas, falar é uma coisa... mas para ler...

EF: Per::di o gos::to *//vocalizando silabicamente//*.

lap: Ah... O Sr. perdeu o gosto para ler? Que pena, né, Sr. EF, porque é tão bom ler... *//a investigadora fala um pouco sobre a leitura, sobre os assuntos que EF poderia ler e que poderiam ser interessantes para ele; após isto lap indaga//*.

lap: Perdeu o gosto para ler?

EF: Ah. *//afirmando e fazendo um gesto de "mais ou menos" com a mão//*.

lap: E para escrever também?

EF: Ah. *//afirmando//*.

(6) 11/11/98

MS comenta sobre seu *hobby* preferido.

MS: Olha, se, se eu, se eu pudesse... Eu, hobby... Eu passeava, né? Só que...

lap: Ah! O Sr. gosta?

MS: Mas eu, mas eu não posso falar. E agora pelo menos que... Eu... sem... sem... sem escrever. Por causa das cidades. É num... Se eu não escrever, num passeia porque eu não posso fazer isso daí. A cidade estranha, se eu não escrever... Eu não posso.

A afirmativa de MS sobre a sua leitura antes da afasia - *perdi o incentivo para ler* relatada durante a entrevista- e a de EF sobre a leitura após a afasia - *perdi o gosto para ler* - não podem ser consideradas do mesmo modo. O primeiro sujeito não teve a oportunidade de estudar além do primário, mas mesmo assim reconhece o valor social da escrita quando afirma que é imprescindível para ele ler placas, saber escrever cheques e que não pode ir a uma cidade estranha sozinho, já que não consegue mais ler. Já o segundo sujeito, apesar de seu alto grau de letramento - ele é advogado - nega toda a leitura e a escrita que está ao seu redor e mesmo lendo e escrevendo continuamente (o detalhe é que ele se comunica mais através da escrita) afirma que após a afasia não lê nem escreve mais. Ora, o impacto da afasia sobre cada um vai depender de como estão representadas a escrita e a leitura em suas vidas. Para o primeiro sujeito, que quase não tinha hábito de leitura, escrever cheques e ler placas é considerado leitura e escrita; já para o segundo, que lia livros de direito e escrevia petições, escrever *para falar* ou ler folhetos de propaganda não é leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na discussão que realizei acima, observa-se que a relação de cada sujeito com a sua linguagem é diferente, sendo que algumas atividades podem ser claramente classificáveis como escrita e outras não. Isso implica que os sujeitos jamais podem ser avaliados do mesmo modo. Para isso, uma entrevista inicial sobre a linguagem escrita² favorece o conhecimento dos interesses e do tipo de reflexão do sujeito sobre a leitura e a escrita e sobre a maneira como ele reage às mudanças provocadas pela afasia.

Acredito, diante do que foi apresentado, que a análise de dados realizada ao mesmo tempo que “flagra” as limitações de como a linguagem escrita vêm sendo tratada indica a importância de considerar a relação de interdependência entre as linguagens oral e escrita. Fica ressaltada também a relevância da inserção de uma abordagem discursiva no estudo da linguagem escrita de sujeitos afásicos.

BIBLIOGRAFIA

- CHAN, J. L. (1992). Alexia and agraphia in four chinese stroke patients with review of the literature: a proposal for a universal neural mechanism model for reading and writing. In: **Journal of Neurolinguistics**, V. 7, (3), 171-185.
- COUDRY, M. I. (1986/1988). **Diário de narciso**. São Paulo: Martins Fontes.
- DAVIES, E. J.; Coughlan, T. & Ellis, A. W. (1997). Peripheral dysgraphia with impaired processing of musical and other symbols. **Journal of Neurolinguistics**, 10, nº1, 11-17.
- FRANCHI, C. (1977/1992). Linguagem - atividade Constitutiva. In: **Cad. Est. Ling. Campinas**, 22: 9-39.
- GERALDI, J. W. (1991). **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1996). **Linguagem e ensino**. Campinas: Mercado de Letras.
- KOCH, I. V. (1997). **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto.
- HORNER, J; DAWSON, D. V.; HEYMAN, A. & FISH, A. M. (1992). The usefulness of the western aphasia battery for differential diagnosis of alzheimer dementia and focal stroke syndromes: preliminary evidence. In: **Brain and Language** 42: 77-88.
- LURIA, A. R. (1970). **Traumatic aphasia its syndromes, psychology and treatment**. Mouton. New York: The Hague.
- MARCUSCHI (1994). Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. Conferência apresentada no I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino na UFAL. Maceió, Al. 14 - 18 de março.

² Em minha *Dissertação de Mestrado (1999)* elaborei e realizei uma entrevista específica sobre a linguagem escrita para sujeitos afásicos.

- _____. (1995). Oralidade e escrita. Conferência apresentada no II **Colóquio Franco-Brasileiro sobre Linguagem e Educação** - UFRN.
- MORATO, E. M. (1995). Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um centro de convivência de afásicos. Texto apresentado no IV **Congresso Latino-americano de Neuropsicologia**. Colômbia.
- PARENTE, M. A. P. (1995). O enfoque cognitivo na avaliação das dislexias adquiridas e o sistema ortográfico do português. In: **Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística, Vol. 4**, 169-173.
- POSSENTI, S. (1988). **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes.
- SAUSSURE, F. (1933). **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix (1977)
- SANTANA, A. P. O. (1999). **O lugar da linguagem escrita na afasiologia: implicações e perspectivas para a neurolinguística**. Dissertação de Mestrado. IEL/ Unicamp.
- TFOUNI, L. V. (1995). **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez.
- VYGOTSKY, L. S. (1931/1988). A pré-história da linguagem escrita. In: **A formação social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes.